A INTERAÇÃO LEITOR/TEXTO NA FORMAÇÃO DA INTERTEXTUALIDADE[1]

Antônio Felipe Aragão dos Santos[*]
Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin[**]

Resumo: Este trabalho traz uma proposta de se estudar a intertextualidade em livros didáticos direcionados ao Ensino Médio. Acreditamos que boa parte dos manuais adotados em escolas de Ensino Médio trata da questão da intertextualidade, porém, não considera um fator de suma importância: a interação entre leitor e texto, deixando de lado os repertórios mentais dos alunos do Ensino Médio. Partimos da ideia de que a intertextualidade não é algo inerente ao texto, ou seja, o texto não é o suficiente para que haja a intertextualidade. Trazemos propostas para se estudar a intertextualidade de um ponto de vista interacionista.
Palavras-chave: Intertextualidade. Interação. Ensino.

Abstract: This paper presents a way of studying intertextuality in textbooks targeted to high school. We believe that most of the textbooks adopted in high schools address the issue of intertextuality, however, do not consider of paramount importance: the interaction between reader and text leaving aside the mental repertoires of high school students. We start from the idea that intertextuality is not something inherent in the text, ie. the text is not enough that there is intertextuality. We propose to study intertextuality from an interacionist point of view.
Keywords: Intertextuality. Interaction. Teaching.

1 Introdução

O ensino de Língua Portuguesa, principalmente em escolas públicas, vem passando por problemas de adequação, visto que a Linguística, há alguns anos, questiona o sistema de ensino baseado na gramática normativa e no tradicionalismo. De acordo com as Diretrizes, os PCNEm e os PCN + (Brasil/SEMTEC, 1999), o aluno que passa para o Ensino Médio deverá possuir capacidades que lhe garantam o conhecimento sobre as diversas manifestações da linguagem verbal, de modo a posicionar-se em relação a elas, compreendê-las, aplicá-las ou transformá-las.

A partir do momento em que o centro das atenções não é dado apenas ao texto, mas também ao leitor, considerando assim a importância da interação entre leitor e texto, novas maneiras de se trabalhar a língua portuguesa surgem. A linguagem passa a ser considerada, acima de tudo, como forma de interação social.

O tópico *Intertextualidade* dos livros didáticos, muitas vezes esquecido pelos professores do ensino médio e fundamental, atua como um forte aliado às novas concepções de ensino segundo a linguística moderna, pois privilegia a interdisciplinaridade e a adaptação dos conteúdos. Ao verificarmos que algumas atividades de compreensão textual não estavam gerando os resultados esperados pelo próprio manual didático adotado pela escola, decidimos abordar o tema da intertextualidade, trazendo meios para que essas dificuldades possam ser reduzidas ou mesmo superadas.

---

[1] A ideia de fazer esta pesquisa surgiu durante a disciplina de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa, requisito obrigatório para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras Português/literatura.

[*] Doutorando em Linguística na Universidade Federal do Ceará (UFC) e orientando da Prof[a]. Dr[a]. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. Endereço eletrônico: felipearagaos@hotmail.com

[**] Professora titular do Curso de Pós-Graduação em Linguística e Coordenadora do GEPLA (Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguística Aplicada). Endereço eletrônico: fragaleurquin@yahoo.com.br

Nossa pesquisa foi guiada pelos seguintes questionamentos: em que medida, o conhecimento de mundo do leitor influencia na intertextualidade? Quando o autor gera um texto que remete a outro que ele não conhece, há a intertextualidade? E quando o leitor não se dá conta do intertexto presente, poderemos falar, também, de intertextualidade? Estas são algumas das questões que pretendemos responder no decorrer deste artigo.

2 O texto

Julgamos importante fazer algumas breves considerações sobre a noção de texto utilizada neste trabalho para que possamos compreender as ideias defendidas aqui.

Utilizamos a definição de texto empregada por Marcuschi (2009):

> O texto é o resultado de uma ação linguística cujas fronteiras são em geral definidas por seus vínculos com o mundo no qual surge e funciona. [...] O texto não é simplesmente um artefato linguístico, mas um evento que ocorre na forma de linguagem inserida em contextos comunicativos. (MARCUSCHI, 2009, p. 72).

Desta forma, trabalhamos o texto como um evento interativo, não se dando como algo monológico e solitário, sendo sempre um processo e uma coprodução (coautorias em vários níveis).

Com esta definição de texto, estudaremos a intertextualidade como fruto da interação leitor – texto, considerando, também, os aspectos pragmáticos e cognitivos presentes nesta interação.

Um texto tem relações situacionais e cotextuais. Podemos ver o contexto como um conjunto de textos que auxiliam no entendimento do texto, em outras palavras, o contexto é uma fonte de interpretação de que se vale o leitor para a sua compreensão. Para as noções de intertextualidade e de intertexto, utilizamos os conceitos de Maingueneau e Charaudeau (1984) ao dizerem que o intertexto seria os fragmentos discursivos que aparecem e a intertextualidade seria o princípio geral que rege as formas de isso ocorrer, isto é, as regras do intertexto se manifestar, que podem ser diversas na literatura, na ciência, na religião, etc.

Como veremos mais adiante, um texto pode ter várias significações, o que nos permite concluir que a produção e a interpretação de um texto não devem ser feitas considerando apenas a linguagem. Um texto só será um texto se o leitor o interpretar como tal. A experiência sociocomunicativa do leitor vai lhe permitir (ou não) a compreensão do texto. Mais do que a maneira como o texto faz referência a uma exterioridade, interessa a maneira como os locutores concebem sua referência a uma exterioridade. Isso significa que é essencialmente na interação (interpessoal com o texto) que se constrói o sentido.

Sempre que alguém produz um enunciado, vem, também, o desejo de que este enunciado seja compreendido. Como, todavia, o produtor não tem total controle sobre as diversas interpretações que este enunciado possa vir a ter, há certo espaço para a criatividade interpretativa do leitor. Porém, esta mesma capacidade criativa deve-se limitar às possibilidades que o enunciado dá. A coerência de um texto é uma perspectiva interpretativa do leitor e não se acha inscrita de forma completa e unívoca no texto.

Quem não tem familiaridade com a linguagem matemática provavelmente não compreenderá uma sequência como:

$$x^2 - 2x + 5 = 0, x \in R$$

De modo semelhante, temos que a compreensão de um texto se dá na relação interativa entre a linguagem, a cultura e os sujeitos históricos que operam nesses contextos. Desta forma, não se trata de um sujeito individual, mas sim de um sujeito social que se

apropriou da linguagem por meio da sua interação com outros indivíduos, Marcuschi (2009). Ideia semelhante tem Heidegger em seu *A caminho da linguagem* (2003) ao dizer que o homem é um *ser-aí.* O homem tem a sua existência definida a partir da sua vivência no mundo. O *ser-aí* só pode se comunicar quando houver uma reciprocidade na troca de informações com os entes que estão ao seu redor. Assim, se o homem não consegue estabelecer esta relação de troca, não haverá entendimento entre os entes.

3 Intertextualidade: conceitos

Utilizando as palavras de Koch (2009), a intertextualidade ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva dos interlocutores. Posteriormente, veremos que muitas das definições dadas sobre intertextualidade desconsideram a interação texto-leitor.

É importante que se faça uma rápida explicitação sobre dois fenômenos bastante conhecidos em linguística textual: a noção de polifonia e a de intertextualidade. A polifonia envolve um conceito mais amplo que o da intertextualidade. Enquanto esta faz menção (implícita ou explícita) a outro texto, o conceito de polifonia, tal como elaborado por Ducrot, exige apenas que se representem, encenem, em dado texto, perspectivas ou pontos de vista de enunciadores diferentes, daí a metáfora utilizada, *coro de vozes*, ligada, de certa forma, ao sentido primeiro que o termo tem na música, de onde se origina. Considerando que para se compreender um texto é necessário possuir um conhecimento prévio (base de conceitos) advindo, muitas vezes de leituras, podemos afirmar, de certa forma, que toda compreenção textual envolve uma intertextualidade, uma vez que no processo de interação leitor-texto, temos que o leitor faz constantes referências a textos previamente lidos para ajudá-lo na compreensão do texto em questão. Podemos dizer que a cultura de um povo é fruto de um processo intertextual, em que cada produção humana dialoga necessariamente com as outras.

A intertextualidade é, portanto, um importante fator de coerência, na medida em que, para o processamento cognitivo de um texto, recorre-se ao conhecimento prévio de outros textos.

A intertextualidade é, como já visto, um processo que ocorre a todo o momento na comunicação. Se partirmos do pressuposto de que nós nos comunicamos utilizando expressões já existentes, então, tudo está englobado pela intertextualidade. Tudo o que falamos está direta ou indiretamente relacionado com algo que já ouvimos falar. Utilizando as palavras de Bakhtin (apud REVUZ, 1990) temos que:

> Somente o Adão mítico, abordando com sua primeira fala um mundo ainda não posto em questão, estaria em condições de ser ele próprio o produtor de um discurso isento do já dito na fala de outro. Nenhuma palavra é neutra, mas inevitavelmente carregada, ocupada, habitada, atravessa pelos discursos nos quais viveu sua existência, socialmente sustentada. (BAKHTIN apud REVUZ 1990, p. 27).

Neste caso, podemos falar de grau de intertextualidade. A nossa fala, na comunicação cotidiana, sem intenção de expressar ideias contidas em outros textos, possui um baixo grau de intencionalidade na intertextualidade ao passo que quando nos comunicamos utilizando propositadamente textos que remetem a outros textos, estamos em um caso de alta intencionalidade na intertextualidade.

Podemos nomear estes trechos em que ocorrem alusões a outros textos de pontos de heterogeneidade. Estes pontos são identificados por meio da diferença que geram no resto da

cadeia, afetando, assim, a homogeneidade que há no texto. Por homogeneidade, entendemos a fala do locutor sem auxílio a fragmentos de textos de outros locutores. Segundo Revuz (1990), a presença do outro emerge no discurso, com efeito, precisamente nos pontos em que se insiste em quebrar a continuidade, a homogeneidade fazendo vacilar o domínio do sujeito.

Fairclough (2001) toma o conceito de intertextualidade em termos de uma distinção entre intertextualidade 'manifesta' (a presença explícita de outros textos em um texto) e 'interdiscursividade' (a constituição de um texto com base numa configuração de tipos de texto ou convenções discursivas).

Os estudos linguísticos do século XX foram marcados por dois movimentos relativamente distintos em sua perspectiva analítica; o formalista e o funcionalista. A noção de intertextualidade trabalhada por nós segue o movimento funcionalista, pois tentamos recontextualizar a língua observando-a em seus contextos de uso, com ênfase no estudo do léxico, nos aspectos socioculturais, na interação e na visão cognitiva. Vemos assim o texto como algo que dialoga com o meio, não sendo estanque, mas, sim, interpretável de acordo com o contexto em que este esteja inserido.

Bakhtin e Voloshinov, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1986), afirmam que toda enunciação humana, mesmo a mais elementar, é organizada fora do indivíduo pelas condições extraorgânicas do meio social. Mesmo sendo organizada por um indivíduo, a enunciação humana é sempre um ato social. Utilizando as palavras de Marcuschi (2009),

> Não existe um uso significativo da língua fora das inter-relações pessoais e sociais situadas. (...) Isto quer dizer que todo uso autêntico da língua é feito em textos produzidos por sujeitos históricos e sociais de carne e osso, que mantêm algum tipo de relação entre si e visam a algum objetivo comum. (MARCUSCHI, 2009, p. 23).

Após este rápido estudo sobre alguns conceitos de intertextualidade, partimos agora para a proposta de se trabalhar a intertextualidade em manuais direcionados ao Ensino Médio, ressaltando a importância de se considerar o leitor como um agente ativo no processo da leitura.

4 O momento da intertextualidade

Como já dissemos anteriormente, trabalharemos com a ideia de intertextualidade *latu sensu* que envolve tanto a explícita, aquela em que, no próprio texto, é feita a menção à fonte do intertexto, isto é, quando outro texto ou um fragmento atribuído a outro enunciado é citado; quanto a implícita, em que se introduz, no próprio texto, intertexto alheio, sem qualquer menção explícita da fonte, com o objetivo, quer de seguir-lhe a orientação argumentativa, quer de contraditá-lo, colocá-lo em questão, de ridicularizá-lo ou argumentar em sentido contrário.

Na intertextualidade implícita, temos casos de textos presentes em outros textos de uma forma que o leitor deverá se valer da sua memória discursiva para interpretar a mensagem passada pelo texto. Dependendo da capacidade de ativação dessa memória discursiva, a interpretação será ou não prejudicada.

Entendemos que a intertextualidade nasce na interação entre o leitor e o texto, sendo, portanto, uma questão de interpretação. A intertextualidade explícita já traz as informações necessárias ao leitor/receptor sobre o intertexto, como, por exemplo, as citações, referências, menções, resumos, resenhas e traduções; em textos argumentativos, quando se emprega o recurso à autoridade; e, em se tratando de situações de interação face-a-face, nas retomadas do

texto do parceiro, para encadear sobre ele ou contraditá-lo, ou mesmo para demonstrar atenção ou interesse na interação.

Acreditamos que a intertextualidade implícita deva ser tratada com mais atenção, uma vez que não há referências explícitas ao intertexto. Não é de se espantar que um aluno do Ensino Médio não consiga fazer uma referência do texto "Vou-me embora de Pasárgada" de Millôr Fernandes ao seu quase homônimo "Vou-me Embora pra Pasárgada" de Manuel Bandeira.

Millôr Fernandes	Manuel Bandeira
Vou-me embora de Pasárgada Sou inimigo do rei Não tenho nada que quero Não tenho e nunca terei Vou-me embora de Pasárgada Aqui eu não sou feliz A existência é tão dura As elites tão senis Que Joana, a louca da Espanha Ainda é mais coerente Do que os donos do país [...]	Vou-me embora pra Pasárgada Lá sou amigo do rei Lá tenho a mulher que eu quero Na cama que escolherei Vou-me embora pra Pasárgada Vou-me embora pra Pasárgada Aqui eu não sou feliz Lá a existência é uma aventura De tal modo inconseqüente Que Joana a Louca de Espanha Rainha e falsa demente Vem a ser contraparente Da nora que nunca tive [...]

Tratando o texto como um objeto cultural, formado, assim, por um conjunto de textos previamente produzidos, Paulino (2005) afirma:

> Cada texto constitui uma proposta de significação que não está inteiramente construída. A significação se dá no jogo de olhares entre o texto e seu destinatário. Este último é um interlocutor ativo no processo de significação, na medida em que participa do jogo intertextual tanto quanto o autor. (PAULINO, 2005, p. 15).

Por meio desta concepção é que consideramos que o sentido de um texto é relativo. Um mesmo texto lido mais de uma vez, pode gerar outras informações que não foram vistas pelo interlocutor na primeira leitura.[2] Desta forma, o mesmo texto lido em épocas diferentes torna-se outro, pois nesse intervalo de tempo, o repertório do leitor se alterou. Remetemos, novamente, aqui, à ideia de conhecimento de mundo, como aquele produzido pelos conhecimentos de textos anteriores ao momento da leitura.

Quando um texto faz uma referência implícita a outro texto, cabe ao leitor, através do seu conhecimento de mundo, buscar a origem dessa ideia. No momento em que o leitor se depara com uma situação de desconhecimento da origem do intertexto, para ele, aquela informação é considerada como um dado novo. Remetemos aqui ao conceito de *modelos cognitivos de contexto* de Van Dijk (2008)**,** como sendo aqueles que representam as intenções, propósitos, objetivos, perspectivas, expectativas, opiniões e outras crenças dos interlocutores sobre a interação em curso ou sobre o texto que está sendo lido ou escrito, bem como sobre

[2] A releitura de um texto por parte do aluno mostra-se, assim, de fundamental importância para a sua compreensão. Não é difícil de se deparar com um diálogo entre aluno e professor durante uma atividade de compreensão textual. Nos casos em que o aluno se dirige ao professor dizendo que não entendeu o texto, este o aconselha a fazer uma releitura.

propriedades do contexto, tais como tempo, lugar, circunstâncias, condições, objetos e outros fatores situacionais que possam ser relevantes para a realização adequada do discurso.

A intertextualidade é detectada pelo leitor ao seguir as pistas deixadas pelo autor como primeiros indicadores interpretativos. Desta forma, propomos que antes de se realizarem atividades que envolvam intertextos, se faça uma espécie de contextualização, situando o leitor para que este possa compreender o texto em questão, fazendo a devida referência, que muitas vezes é essencial para a concretização da atividade proposta. Dialogando com os conceitos de modelos cognitivos de Dijk mostrados no parágrafo acima, temos que é importante que os leitores possuam os modelos mentais necessários para a compreensão de um determinado texto, já que a intertextualidade não é uma atividade imanente ao texto. Liga-se, pois, a atividades cognitivas e não ao código apenas. É claro que o texto deve permitir este processo cognitivo, pois, do contrário, não há a possibilidade de entendimento.

O famoso poema "Canção do exílio" de Gonçalves Dias está presente em muitos manuais de literatura como exemplo de intertexto. Vários são os textos que remetem implícita ou explicitamente ao poema de Gonçalves. Como exemplos, temos "***Canção do Exílio facilitada"*** de José Paulo Paes e ***Canto de regresso à pátria*** de Oswald de Andrade.

Partimos do pressuposto de que a intertextualidade nasce na interação entre o leitor e o texto e, dependendo do conhecimento de mundo daquele enquanto interlocutor, a intencionalidade do locutor em trazer à tona outro texto como forma de expressar suas ideias será ou não correspondida. Em outras palavras, o que definirá a intertextualidade em um texto é o momento em que o interlocutor se depara com esse texto.

Em um artigo da revista ÉPOCA de 26 de abril de 2010, havia o seguinte título:

No meio da viagem tinha um vulcão

Dependendo do conhecimento de mundo do leitor, haverá ou não a relação deste título com um dos poemas mais conhecidos de Drummond: *No meio do caminho.*

O autor do artigo fala da semana problemática nos aeroportos europeus por causa das cinzas expelidas pelo vulcão islandês *Eyjafjallajökull* em meados de maio de 2010. Todos os voos cancelados, passageiros dormindo em aeroportos, compromissos adiados etc. Todas as rotinas desfeitas por um vulcão. A relação feita com o texto de Drummond ajuda-nos a compreender a ideia passada pelo título do artigo da revista. No entanto, uma pergunta nos surge: o que aconteceria se o leitor nunca tivesse lido a poesia de Drummond? Para nós, a intertextualidade está prejudicada, uma vez que não foi feita a referência mental pelo interlocutor ao intertexto, sendo, assim, para ele, apenas um título com uma mensagem inédita. Entendemos ser possível o leitor fazer a referência de "uma pedra no meio do caminho" como algo que esteja dificultando a realização de alguma ação, projeto etc, mesmo sem saber que exista um poema com este título. Por ser um poema muito conhecido, entendemos que a ideia de algo como "uma pedra no meio do caminho" já faz parte do conhecimento popular, não precisando, assim, fazer um estudo do poema para se entender a construção em questão.

Ainda analisando o título presente neste artigo de revista, podemos dizer que, partindo da intertextualidade em sentido amplo (genérico), o locutor compreenderá que está diante de um intertexto, não o de Drummond (se ele não o conhece), mas, sim, o de gênero. Ao ler um título de artigo, o interlocutor já tem um conhecimento de mundo sobre esse gênero, sabendo, então, que haverá um título seguido de um texto que segue os padrões do gênero artigo de revista. Até mesmo a informação obtida sobre quem escreveu o artigo, pode dar pistas de intertextos embutidos: a qual escola literária pertence, qual estilo utilizado, qual o tema mais retratado por este autor, são informações de grande importância que podem auxiliar o leitor no momento da leitura; são dados que fazem uma "ponte" entre aquilo que ele está dizendo com aquilo que ele já disse.

Outro exemplo de utilização de intertextos são os provérbios. Quando nos deparamos com expressões como "quem ri por último rir melhor", "o apressado come cru", "os últimos serão os primeiros" somos levados a utilizar o nosso conhecimento social para compreender estas expressões. Há casos em que escritores se utilizam de provérbios para fazerem alterações em seu sentido e causar, assim, uma ideia irônica, humorística, como o faz Millôr Fernandes:

> *A riqueza não traz felicidade. A pobreza muito menos.*
> *(A Bíblia do Caos)*

Millôr utiliza o provérbio *A riqueza não traz felicidade* para ironizar o dito popular que considera o dinheiro como algo acessório, destituído de qualidades necessárias à felicidade. Com o seguimento *A pobreza muito menos,* ele enfatiza a sua opinião de que o provérbio em questão não se adéqua à realidade vivida por sua sociedade. Neste exemplo, o intertexto já é dado em sua integralidade, ao contrário do que acontece com o outro exemplo:

> Aquele que se deixa prender sentimentalmente por criatura destituída de dotes físicos, de encanto ou graça, acha-a dotada desses mesmos dotes que os outros não lhe veem. *(A Bíblia do Caos)*

É necessário que o leitor tenha conhecimento do provérbio já estabelecido pela sociedade para fazer uma referência ao que Millôr diz acima. Somente com o conhecimento do provérbio *Quem ama o feio bonito lhe parece* será possível compreender a ideia expressa pelo autor.

*Aquele que se deixa prender sentimentalmente por criatura destituída de dotes físicos (*quem ama o feio*) acha-a dotada desses mesmos dotes que os outros não lhe veem (*bonito lhe parece*).*

Chico Buarque de Holanda utiliza vários intertextos para produzir a canção *Bom Conselho*. Um leitor que já tenha conhecimentos das fontes em que se baseou Buarque verá de outra forma o poema do que aquele que não tenha este conhecimento prévio. Eis a canção:

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar
Corro atrás do tempo
Vim de não sei onde
Devagar é que não se vai longe
Eu semeio vento na minha cidade
Vou pra rua e bebo a tempestade
(Chico Buarque, 1972)

Podemos identificar a presença dos seguintes provérbios da canção mostrada acima:

> "Uma boa noite de sono combate os males"
> "Quem espera sempre alcança"
> "Faça o que eu digo, não faça o que eu faço"
> "Pense, antes de agir"
> "Devagar se vai longe"
> "Quem semeia vento, colhe tempestade".

Não basta a intenção do autor em pôr em seu texto um intertexto para que o leitor se dê conta desse processo. Como já afirmamos e enfatizamos no exemplo acima, a intertextualidade é realizada na relação texto-leitor. A intertextualidade estará prejudicada se o leitor não tiver conhecimento dos provérbios aos quais se faz referência no exemplo acima.

É importante que, antes de qualquer atividade que envolva o trabalho com intertextos, o manual contextualize a atividade em questão, sendo, assim, um prévio estudo do texto para que no momento em que os alunos se depararem com um texto que contenha o intertexto, eles saibam interpretar, agindo, assim, refletidamente.

Outro bom exemplo de intertextualidade é o texto *Quadrilha da Sujeira* de Ricardo Azevedo remetendo ao conhecido poema Quadrilha de Drummond.

Quadrilha da Sujeira	Quadrilha
João joga um palitinho de sorvete na rua de Teresa que joga uma latinha de refrigerante na rua de Raimundo que joga um saquinho plástico na rua de Joaquim que joga uma garrafinha velha na rua de Lili. Lili joga um pedacinho de isopor na rua de João que joga uma embalagenzinha de não sei o quê na rua de Teresa que joga um lencinho de papel na rua de Raimundo que joga uma tampinha de refrigerante na rua de Joaquim que joga um papelzinho de bala na rua de J. Pinto Fernandes que ainda nem tinha entrado na história. (Ricardo Azevedo)	João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém. João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, Joaquim suicidou-se e Lili casou-se com J. Pinto Fernandes que não tinha entrado na história. (Carlos Drummond de Andrade)

Baseamo-nos em Bakhtin (2010), ao considerar que os gêneros são fundamentalmente intertextuais, já que os processos de produção e de recepção de um determinado gênero pressupõem uma ligação necessária com textos e/ou discursos anteriores. A criação de relações intertextuais por meio da manipulação dos gêneros serve para, simultaneamente, produzir ordenação, unidade e limites para os textos e, também, para mostrar o seu caráter fragmentado, heterogêneo e aberto.

Remetendo, novamente, às palavras de Paulino (2005):

> Toda leitura é necessariamente intertextual, pois, ao ler estabelecemos associações desse texto do momento com outros já lidos. Essa associação é

> livre e independe do comando de consciência do leitor, assim como pode ser independente da intenção do autor. (PAULINO, 2005, p. 54).

Desta forma, os textos que nós produzimos, seja por escrito ou através da fala, são o resultado de um processo que envolve fatores sociais e cognitivos muitas vezes sem serem percebidos.

5 Papel do escritor/falante na intertextualidade

Passamos agora a estudar o papel do autor no processo da intertextualidade. Segundo Marcuschi (2009):

> Desenvolver um texto escrito é fazer as vezes do falante e do ouvinte simuladamente. Mesmo que o texto escrito desenvolva um uso linguístico interativo não do tipo comunicação face a face, deve, contudo, preservar os papéis que cabem ao escritor e ao leitor para cumprir sua função, sob pena de não ser compreendido. […] Quando um falante se põe a usar a língua (produzir textos), ele pode fazer escolhas diversas a partir do sistema virtual da língua, mas sem decidir por uma escolha. (MARCUSCHI, 2009, p. 53).

O produtor de um texto, ao elaborá-lo, tem o conhecimento dos possíveis leitores aos quais o seu texto será direcionado. Um cronista de futebol, por exemplo, utiliza-se de uma linguagem já conhecida por aqueles que têm o habitual contato com este gênero textual. Uma pessoa que não está habituada a ler textos científicos, como teses e dissertações, provavelmente terá muitas dificuldades na interpretação destes textos, haja vista a grande quantidade de informação nova (dado novo ou rema, como utilizados por alguns teóricos da linguística textual) presente.

A noção de sujeito produtor de um texto adotada aqui é aquela que ocupa um lugar no discurso e que se determina na relação com o outro. Quando um escritor se utiliza de intertextos para expressar suas ideias, já o faz imaginando na capacidade de referenciação por parte do seu leitor. Um escritor que não conhece o seu leitor é levado a se utilizar de recursos que explicitem as informações presentes no texto.

Em situações de comunicação face a face, a interpretação do que se diz se torna mais fácil do que em uma situação de comunicação leitor-texto. A proximidade dos interlocutores gera mais facilidades nas retomadas dos intertextos, pois, pressupõe-se que ambos se conhecem e podem fazer previsões sobre as possíveis interpretações a serem feitas. Um falante que desconhece o seu ouvinte terá de se utilizar de um tipo de texto com mais fatos conhecidos que fatos novos.

Uma questão interessante que vem à tona, analisando o papel do escritor, é a sua intencionalidade na intertextualidade. Os livros de Liguística Textual costumam tratar a intertextualidade sem analisar a intencionalidade do escritor. Muitos partem apenas de intertextos produzidos intencionalmente.

O princípio da intencionalidade para a Linguística Textual centra-se no escritor/falante do texto. A sua intenção é vista como um importante fator para a textualização. A tarefa de determinar a real intenção de um escritor ao produzir o seu texto pode ser uma tarefa nada fácil. Portanto, as pistas deixadas por ele para que o seu leitor possa captar as informações desejadas devem ser bem trabalhadas. O escritor deve ter em mente que o seu texto poderá ser interpretado de maneiras diferentes, dependendo de diversos fatores como o tipo de leitor, o material utilizado para a divulgação, a época em que está sendo

utilizado etc. Desta forma, o sujeito produtor do texto não deve ser considerado como o dono do conteúdo, uma fonte independente e a - histórica.

No presente tópico, trazemos uma questão que dificilmente está presente, mesmo nos grandes manuais de crítica textual: quando um escritor produz um texto que remete a outro desconhecido por ele, há a intertextualidade?

Vamos utilizar o mesmo exemplo mostrado neste artigo:

No meio da viagem tinha um vulcão

Normalmente, um leitor que possui certo conhecimento de literatura brasileira fará referência deste título ao poema de Drummond, identificando, assim, o intertexto. E se o escritor deste artigo de revista não tivesse tido o contato com o texto de Drummond, produzindo, desta forma, um título que, segundo ele, não remeteria a outro; estaríamos diante de um processo intertextual?

A nossa proposta é a de que a intertextualidade nasce na interação entre o leitor e o texto, sendo que este pode gerar compreensões diferentes de acordo com a época e com o conhecimento prévio do leitor, por exemplo. Falamos que é limitado o número de interpretações que um leitor ou diversos leitores podem dar a um texto, não podendo, assim, fugir dos limites impostos. Mais uma vez, afirmamos que a intencionalidade do escritor não é condição suficiente para a intertextualidade mas, sim, necessária. Não é suficiente porque depende da interação do leitor com o texto, podendo este mesmo leitor fazer a referência a outro texto ou não.

6 Considerações finais

Entendemos que há limites para a interpretação de um texto, de maneira que o locutor não estará livre para interpretar um texto como lhe convier. Há informações presentes nos textos que não permitem uma interpretação ilimitada por parte do leitor. No entanto, quando um texto é produzido, de certa forma, há o seu desligamento com o autor/escritor, de forma que este não poderá fazer alterações ou mesmo explicações "on-line" com o objetivo de indicar a sua real intenção ao seu leitor. O texto será considerado como uma entidade relativamente independente do autor[3], o que não quer dizer que o conhecimento de informações sobre o autor não poderá auxiliar na compreensão do texto produzido por ele.

Como vimos, a intencionalidade é um fator muito difícil de ser analisado, pois o leitor não tem o poder de saber exatamente o que pensava o escritor do artigo. Porém, informações sobre esse autor podem auxiliar na determinação do real objetivo buscado por ele.

Os manuais utilizados no Ensino Médio, ao abordarem atividades que envolvam intertextos, devem contextualizá-las, proporcionando aos leitores meios para compreender não apenas o texto em si, mas, também, o porquê de o autor ter se utilizado de outro texto para expressar suas ideias.

Retomando às perguntas feitas no começo do nosso trabalho, acreditamos tê-las respondido, ou mesmo, ter gerado mais discussão sobre este assunto tão estudado por linguistas: 1- o conhecimento de mundo do leitor influencia na intertextualidade? Sim; 2- quando o interlocutor produz um texto que remete a outro que ele não conhece, há a intertextualidade? Considerando que a produção de um texto é feita utilizando outros textos previamente vistos pelo autor, um texto sempre remeterá a outro (ou a outros textos), havendo, assim, a intertextualidade; 3 - e quando o leitor não vê o intertexto presente, poderemos falar, também, de intertextualidade? Partindo de uma visão ampla sobre

[3] Para Roland Barthes, o escritor é o que ele escreve, ou seja, é o texto que define o escritor.

intertextualidade, a compreensão de um texto, por si só, já é um processo que envolve intertextos, uma vez que a formação de conceitos por parte do leitor para compreender um texto se faz partindo de outros conceitos previamente vistos por ele. Porém, quando o leitor não teve contato com intertexto, considerando-o como um texto à parte, a compreensão global deste texto (com o intertexto inserido) estará prejudicada.

Finalizamos este trabalho com a afirmação de Marcuschi (2009) de que "o sentido não está no leitor, nem no texto, nem no autor, mas se dá como um efeito das relações entre eles e das atividades desenvolvidas".

Acreditamos que a intertextualidade funciona como um elemento riquíssimo, capaz de propagar o saber em diferentes contextos, aproximando extremos.

Referências

AZEVEDO, R. *Você diz que sabe muito, borboleta sabe mais.* Editora Moderna, 2007.

BAKHTIN, M. (V. N. VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo, Ed. Hucitec, 1986. Trad. Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira et al.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio. Brasília: MEC / SEMTEC, 1997. Versão preliminar.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999. 4 v.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Programa de melhoria e expansão do ensino médio: projeto escola jovem (síntese). Brasília. MEC/SEMTEC, 2001. 20 p.

CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual.* São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

DIJK, T. A. van**.** *Discurso e poder.* São Paulo: Contexto, 2008

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UNB, 2001.

HEIDEGGER**,** M**. A.** *Caminho da linguagem.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, I. V. **A.** *Inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Introdução à linguística textual.* São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual*: análise de gêneros e compreensão**.** São Paulo: Parábola, 2009.

PAULINO, G. et al (Orgs.). *Intertextualidades*: **t**eorias e prática**.** São Paulo: Formato, 2005.

REVUZ, J. A. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos em Linguística*. Campinas, (19): jul. /dez. 1990.

Recebido em: julho de 2013.
Aprovado em: setembro de 2013.